

O que é e como alcançar a qualidade de vida?

What is and how to achieve quality of life?

Qu'est-ce que et comment atteindre la qualité de vie?



Lidiane Aparecida Alves

Prefeitura Municipal de Uberlândia, Minas Gerais, Uberlândia, Brasil

lidianeaa@yahoo.com.br

Resumo: Qualidade de vida é um tema amplo, complexo e multifacetado, que tem grande relevância para os estudos geográficos. Contudo, não há um consenso acerca do conceito de qualidade de vida e tampouco um modelo padrão para a sua investigação, de modo que são várias as possibilidades para sua abordagem e avaliação. Desse modo, o objetivo deste artigo é apresentar algumas das abordagens da noção de qualidade de vida, bem como alguns dos vieses que podem ser utilizados para a sua avaliação, considerando, sobretudo, o impasse em torno das abordagens com foco nas dimensões objetivas e subjetivas. Em termos metodológicos, trata-se de uma revisão de literatura. Como resultado, afirma-se que o mais relevante ao considerar a qualidade de vida é identificar, em cada realidade, traços singulares do que ela consiste e buscar por seu alcance de acordo com as particularidades locais. Palavras-chave: Qualidade de vida. Dimensões. Objetiva. Subjetiva.

Abstract: Life Quality is a broad, complex and multifaceted topic, which has great relevance for geographic studies. However, there is no consensus on the concept of quality of life, neither a standard model for its investigation, so that there are several possibilities for its approach and assessment. Thus, the objective of this article is

to present some of the approaches to the notion of quality of life, as well as some of the biases that can be used for its assessment, considering, above all, the impasse surrounding approaches with a focus on objective and subjective dimensions. In methodological terms, it is a literature review. As a result, it is stated that the most relevant when considering the quality of life is to identify, in each reality, unique features of what it consists of and to seek its reach according to local particularities.

Keywords: Quality of life. Dimensions. Objective. Subjective.

Résumé: La qualité de vie est un sujet vaste, complexe et multiforme, qui présente une grande pertinence pour les études géographiques. Cependant, il n'y a pas de consensus sur le concept de qualité de vie, ni de modèle standard pour son investigation, de sorte qu'il existe plusieurs possibilités pour son approche et son évaluation. Ainsi, l'objectif de cet article est de présenter quelques approches de la notion de qualité de vie, ainsi que certaines des vidéos qui peuvent être utilisées pour son évaluation, en considérant, principalement, ou l'impasse entourant les approches centrées sur l'objectif et subjective. En termes méthodologiques, il s'agit d'une revue de littérature. En conséquence, il est résumé que la chose la plus pertinente est de considérer la qualité de vie identifiée, dans chaque réalité, les caractéristiques uniques de ce qu'elle devrait être et de rechercher sa portée en fonction des particularités locales. .

Mots-clés: Qualité de vie. Les dimensions. Objectives. Subjectives.

Recebido para publicação em 11 de dezembro de 2019

Aceito para a publicação em 25 de janeiro de 2020

Publicado em (inserir a data de devolução do artigo ao BGG)

INTRODUÇÃO

A noção de qualidade de vida é ampla, relativa, multifacetada, interdisciplinar, sincrética – uma visão de conjunto, confusa e compreensiva de um todo complexo – e relaciona-se com termos igualmente multidimensionais como os conceitos de desenvolvimento sustentável, de bem-estar e de saúde, considerados enquanto resultados de formas de organização e reprodução social. Portanto, há uma tensão constante em torno do que é qualidade de vida, noção que varia em razão das diferenças individuais, sociais e culturais. Segundo Herculano (2000), parodiando a referência da poetisa Cecília Meirelles à liberdade, por sua obviedade todos entendem o que é, mas ninguém sabe defini-la.

Da mesma forma que não há um consenso acerca do conceito de qualidade de vida, também não há um modelo padrão para a sua investigação, de modo que são aceitas várias possibilidades de abordagem e de avaliação. As escolhas são determinadas, sobretudo pela disciplina em que o estudo é desenvolvido, afinal a qualidade de vida pode ser estudada pela sociologia, economia industrial/psicologia organizacional, gestão e planejamento, geografia, saúde pública etc. Acrescenta-se ainda a influência da perspectiva filosófica adotada na definição de qualidade de vida, que segundo Diener e Suh (1997) pode ser: 1) ditada pelos ideais normativos religiosos, filosóficos ou outros sistemas, 2) baseada na satisfação das preferências, 3) permeada pela experiência dos indivíduos etc.

No entanto, há um certo consenso da necessidade de se considerar integrados, os aspectos humanos, ambientais e econômicos, sob os enfoques qualitativos e quantitativos, objetivos e subjetivos, tendo em conta a relação indivíduo/meio. Essa é a visão de Monken et al. (2008), que consideram a necessidade de que a qualidade de vida integre o projeto cultural de desenvolvimento e de vida e da comunidade. Tais projetos, mesmo que utópicos, devem ser além de uma conquista individual, disseminados com vistas à produção de qualidade contínua (Machado, 2004).

Vários estudos (Audit Commission, 2002; Campbell et al., 1976; Manso; Simões, 2007; Marans; Stimson, 2011) ressaltam que, além de contribuir para o aumento da satisfação pessoal, medir e avaliar a qualidade de vida pode servir para diferentes fins, tais como: diagnosticar as demandas públicas, bem como acompanhar e avaliar as mudanças a partir da implementação de ações; influenciar na mudança qualitativa dos locais e, por conseguinte, nos padrões de migração e decisões de localização residencial; comparar o desempenho de áreas diferentes etc.

A despeito de sua complexidade, o conceito de qualidade de vida tem grande relevância para os estudos e as ações no espaço urbano, onde atualmente concentra maior parte da população brasileira e mundial. Desse modo, neste artigo são apresentadas algumas das abordagens da noção de qualidade de vida, bem como alguns dos vieses que podem ser utilizados para a sua avaliação, considerando, sobretudo, o debate em torno do impasse entre as abordagens com foco nas dimensões objetivas e subjetivas.

Em termos metodológicos, trata-se de uma revisão de literatura, considerando especialmente, trabalhos acadêmicos (teses, dissertações, artigos), trabalhos técnicos, documentos e estudos oficiais elaborados por órgãos, institutos e centros de pesquisa públicos internacionais e nacionais.

Apesar de tais divergências em relação à definição e mensuração da qualidade de vida, torna-se indispensável identificar em cada realidade traços singulares do que consiste a qualidade de vida, os quais são, em uma analogia com a mitologia grega, o fio de Ariadne¹ para saída. Em outras palavras, o mais importante é a constante busca, a partir do lugar, por aquilo que realmente é relevante para determinado grupo de indivíduos e também para a coletividade em termos de melhoria das condições, conforme destaca Santos (2008), do território usado, do espaço banal, enquanto a totalidade em movimento, o espaço onde a vida acontece regido

¹ Segundo o mito do Fio de Ariadne ou do Labirinto do Minotauro, para que seu amado Teseu pudesse entrar no labirinto, derrotar o Minotauro e reencontrar o caminho de volta a heroína Ariadne, filha do rei Creta, Minos, e de Pasífae, entrega a ele um novelo de linha que deveria ser desenrolado à medida que caminhasse. Após a batalha, bastava que seguisse o fio para encontrar a saída.

pela interação e parâmetros como a vizinhança, a cooperação, a comunicação e a socialização.

Multidimensionalidade da qualidade de vida e alguns de seus vieses de avaliação

Pesquisadores das ciências sociais e ambientais concordam que a “qualidade” de qualquer entidade relaciona-se, sobretudo, com a dimensão subjetiva, que é perceptiva e valorada de modo particular por cada um, de acordo com um referencial de sentimentos e juízos cognitivos. Neste sentido, Cunha (2014, p. 454-455) destaca-se que

O conceito de qualidade é multidimensional, o que torna complexo definir seu significado. Sua compreensão incorpora uma dimensão ética e estética e, principalmente uma dimensão axiológica. [...]. Qualidade não é uma adjetivação que remete a um construto universal, mas são propriedades que se encontram nos seres, ações ou nos objetos. Ao atribuir qualidade a algo ou a um fenômeno estamos explicitando um valor, assim como quando dizemos que algo é belo ou adequado. Há, nessas expressões, uma concepção anterior que assume uma condição valorativa e que está ligada ao plano da moral e da condição política do homem. Essa perspectiva significa que a qualidade é auto-referenciada; pressupõe um sujeito ou uma comunidade que aceita determinados padrões como desejáveis. Para que se possa definir qualidade, é preciso que primeiro explicitar o sentido da ação e a dimensão sobre a qual se estabelece sua intencionalidade

Assim como a noção de meio ambiente possui dimensões naturais e socioculturais específicas para cada lugar, as quais influenciam na qualidade de vida e/ou no bem-estar subjetivo das pessoas, as características objetivas da sociedade – como a po-

breza, as taxas de criminalidade e a poluição – também são consideradas nos julgamentos das pessoas em relação à qualidade de vida (Marans; Stimson, 2011). De modo que, segundo alguns estudiosos, a avaliação objetiva da qualidade de vida tem reflexos diretos na avaliação subjetiva (McCrea et al., 2011).

A avaliação da qualidade de vida, segundo Nuvolati (1998), pode ser realizada a partir dos seguintes domínios: coletivo/individual, material/imaterial e de um contexto geral. Os aspectos materiais coletivos referem-se aos serviços e à infraestrutura urbana. Os aspectos materiais individuais dizem respeito à situação individual. Os aspectos não materiais coletivos seriam o lazer e o esporte em espaços públicos e os aspectos não materiais individuais relacionam-se com as relações interpessoais, cujas relações se concretizariam em um contexto que apresenta particularidades.

Outra possibilidade é apresentada por Hancock (2000), que propõe uma matriz de dois por dois (Quadro 1) para facilitar a compressão da qualidade de vida. Segundo o autor, a matriz inclui fenômenos subjetivos/qualitativos ao nível individual (satisfação com a vida, felicidade, sensação de bem-estar/saúde) e ao nível da comunidade (capacidade de participar e influenciar suas condições de vida, satisfação e percepção da comunidade), bem como as medidas objetivas/quantitativas (nível de alfabetização e outras medidas de desenvolvimento humano) e da comunidade (condições ambientais, sociais e econômicas, o desempenho do governo/o processo de governança e estado geral de desenvolvimento).

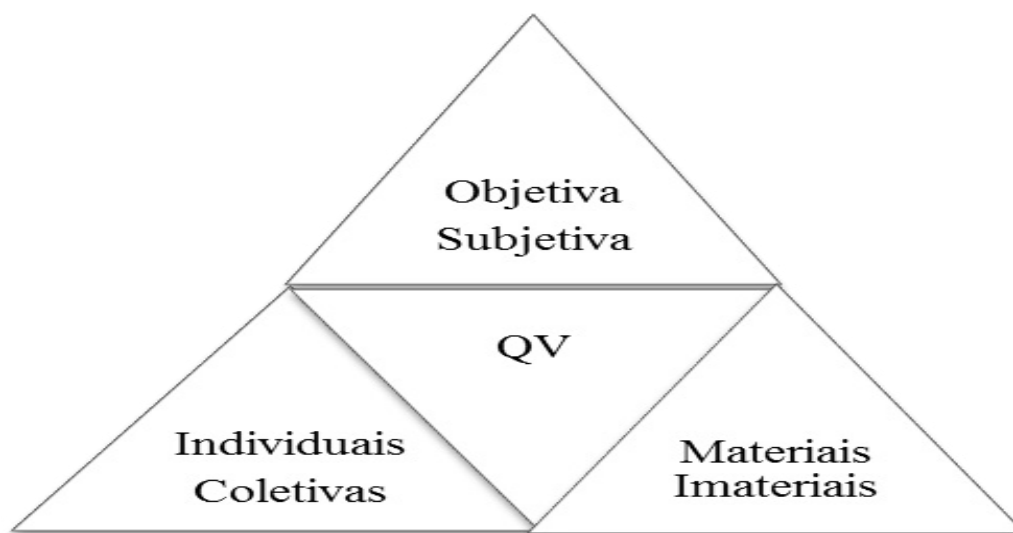
Quadro 1 - Componentes da Qualidade de vida.

| | Nível Individual | Nível Coletivo |
|--|--|--|
| Subjetivas/Qualitativas (percepções) | Percepções sobre a própria vida e suas circunstâncias. | Percepções sobre sua comunidade e sua capacidade de participar e influenciar as decisões que afetam a sua qualidade de vida. |
| Objetivas / Quantitativas (condições) | Status funcional, grau de instrução, literacia. | Condições ambiental, social e econômica, o estado de saúde da população, governança/ desempenho do governo. |

Fonte: Hancock (2000).

Santos e Martins (2002, p. 3-4), por sua vez, equacionam três âmbitos de análise da qualidade de vida, considerados complementares e interdependentes, a saber: 1) os aspectos materiais, tais como “[...] condições de habitação, de abastecimento de água, do sistema de saúde, ou seja, aspectos de natureza essencialmente física e infraestrutural”, as quais tinham grande relevância no passado e para as sociedades menos desenvolvidas; e os aspectos imateriais “mais ligadas ao ambiente, ao patrimônio cultural, ao bem-estar”, que se destacam na atualidade; 2) os aspectos individuais, ou seja, “a condição econômica, a condição pessoal e familiar dos indivíduos”, e os coletivos, “mais diretamente relacionados com os serviços básicos e os serviços públicos”; 3) e, por fim, o que faz a distinção entre aspectos objetivos, de natureza quantitativa e subjetiva, segundo a percepção da qualidade de vida (Figura 1).

Figura 1 - Perspectivas de análise da qualidade de vida.



Fonte: Santos e Martins (2002).

O construto de qualidade de vida adotado pela World Health Organization (WHO) – em português Organização Mundial da Saúde (OMS), abarca a subjetividade (percebida), a multidimensionalidade (dimensões física, psicológica e social) e a bipolaridade (dimensões positivas e negativas) (WHO, 1994).

No contexto das cidades, McCrea (2007) e Marans e Stimson (2011) destacam duas abordagens principais para a investigação da qualidade de vida.

A abordagem objetiva voltada para a análise e comunicação de dados secundários – como dados oficiais, incluindo o censo –, geralmente agregadas em diferentes escalas espaciais. Segundo Diener e Suh (1997 apud Marans; Stimson, 2011), a dimensão objetiva reflete circunstâncias objetivas em uma dada unidade cultural ou geográfica e são baseadas em estatísticas quantitativas/objetivas. A referida dimensão também é conceituada como a média ponderada das várias medidas objetivas. Essa abordagem, muitas vezes é associada com os indicadores de investigação social, adquiridos por meio de inquéritos à população. Berger-Schmitt e Noll (2000) distinguem nessa concepção a ideia de recursos ou capacidades como meios para melhorar a qualidade de vida e a concentração de condições consideradas resultados ou extremidades.

A abordagem subjetiva é projetada especificamente para coletar dados primários no nível desagregado ou individual, utilizando métodos de pesquisa sociais nas quais o foco são as avaliações de aspectos da qualidade de vida em geral e em particular, ou seja, as características dos indivíduos e o nível de satisfação destes com o lugar onde vivem. Nessa concepção, Berger-Schmitt e Noll (2000) fazem uma distinção entre os aspectos cognitivos e afetivos de bem-estar.

Veenhoven (2000) classifica as avaliações subjetivas como internas e externas para o indivíduo e por distinção entre estas qualidades “internas e externas” e entre “oportunidades de vida e da vida resultados”. O pesquisador identifica ainda quatro categorias de qualidade de vida, a saber: a habitabilidade do ambiente, a capacidade da vida do indivíduo, o utilitário externo da vida e a valorização interior da vida. McCrea et al. (2011) destacam que as avaliações subjetivas têm implicações amplas, por exemplo, nos padrões de migração, no crescimento econômico e na sustentabilidade ambiental.

Inerentes à dimensão objetiva, as condições materiais da vida têm sido foco de estudos científicos e de organismos internacionais de desenvolvimento desde a década de 1970, sendo que muitos dos estudos sobre a felicidade e a satisfação, que contemplam a dimensão subjetiva, especialmente os mais recentes, consideram a importância das condições materiais para o alcance da dimensão subjetiva. Segundo McCrea (2007, p. 8), enquanto situação em se considerando as condições materiais os estudos concentram em classificar “objetivamente” os lugares, no caso dos estudos que consideram a dimensão subjetiva o objetivo é estabelecer a importância “subjetiva” da previsão pelo ambiente urbano, sendo que faltam estudos sobre a qualidade de vida que considerem empiricamente em conjunto tais dimensões, inclusive para analisar a ligação entre elas.

Noll (2002, p. 6-7) destaca duas posições distintas de abordagem e operacionalização das pesquisas de bem-estar e qualidade de vida: o *Scandinavian level of living approach* (Erikson, 1993; Uusitalo, 1994) e o *American quality of life approach* (Campbell et al., 1976). De acordo com o autor, o enfoque escandinavo se concentra quase que exclusivamente em recursos e condições objetivas de vida, enquanto a abordagem americana enfatiza o bem-estar subjetivo dos indivíduos como resultado final de condições e processos. Em relação a esta última abordagem, o foco é na experiência porque, segundo seus precursores², as relações entre as condições objetivas e os estados psicológicos são muito imperfeitas e, assim, para conhecer a experiência de qualidade de vida é necessário pedir para que o próprio indivíduo descreva como sente em relação à sua vida.

De acordo com Marans e Stimson (2011), as avaliações subjetivas refletem determinados aspectos objetivos do local, a incidência de doenças respiratórias, por exemplo, pressupõe uma qualidade do ar inadequada. Os autores ainda destacam que: a) a qualidade da localização geográfica ou ambiental (a região da cidade, o bairro

² Segundo Berger-Schmitt e Noll (2000), estão entre os primeiros e mais importantes representantes desta abordagem: Angus Campbell, Philip E. Converse e Willard L. Rodgers (Campbell; Converse, 1972; Campbell; Converse; Rodgers, 1976) e Frank M. Andrews e Stephen Withey (1976).

ou a habitação) não pode ser capturada através de uma única medida, ao contrário, exige medidas de vários atributos do meio ambiente em questão; (b) a qualidade é um fenômeno subjetivo que reflete as experiências de vida dos ocupantes do ambiente. Assim, as condições objetivas não transmitem a verdadeira qualidade do ambiente, mas sim o reflexo do significado dessas condições para os ocupantes.

Campbell et al. (1976) sugerem que as características pessoais estão, por um lado, correlacionadas com características objetivas do ambiente urbano, fato explicado pela mobilidade e concentração residencial de indivíduos com características individuais e sociais semelhantes; e, por outro, as características pessoais influenciam nas percepções e avaliações subjetivas das condições urbanas. Em relação às características pessoais, para McCrea (2007, p. 7), elas podem ser individuais e sociais. As características individuais ou “diferenças individuais” distinguem os indivíduos segundo os seus estados internos, como humor (positivos e negativos), padrões de comparação (expectativas e aspirações) e importância subjetiva de vários atributos do ambiente urbano. As características sociais decorrem da estrutura social, como a situação familiar, o status socioeconômico e a etnia.

Em uma perspectiva semelhante, Nahas (2002) em seu estudo sobre a qualidade de vida urbana em Belo Horizonte, destaca que a qualidade de vida do lugar difere da qualidade de vida das pessoas, pois a primeira refere-se à oferta e a segunda ao acesso (ou à falta de acesso) à qualidade de vida.

Especialmente considerando os resultados dos estudos de qualidade de vida para fins de planejamento, gestão urbana e definição de políticas, Santos e Martins (2007) e Rezvani, Mansourian e Sattari (2013) enfatizam que a abordagem subjetiva é mais valiosa, uma vez que indica o sentimento das pessoas e a relevância que atribuem aos diferentes domínios da qualidade de vida.

Contudo, conforme destacam Almeida, Gutierrez e Marques (2012), as esferas de percepção objetiva e subjetiva têm suas fronteiras muito tênues que, além de exercerem uma influência mú-

tua, tornam inevitáveis as relações entre a esfera objetiva (melhor expressa pela análise de indicadores sobre as condições de vida) e a esfera subjetiva (ações próprias do estilo de vida do sujeito).

Portanto, sendo a qualidade de vida um conceito multidimensional difícil de avaliar, para Lora (2008) e Liu (1978), por promover uma perspectiva mais completa, o ideal nos estudos da qualidade de vida é a combinação dos fatores objetivos e subjetivos³, já que a qualidade de vida que cada indivíduo percebe é diretamente dependente de suas capacidades e restrições. Lora (2008, p. 9, tradução nossa) destaca que:

No entanto, não há acordo sobre o que essas dimensões devem ser, nem como elas devem ser selecionadas ou ponderadas para se ter uma medida sintética da qualidade de vida. Embora a inclusão de indicadores subjetivos para medir algumas dessas dimensões ou a qualidade de vida como um todo tenha sido objeto de muito debate até alguns anos atrás, atualmente é aceito que indicadores subjetivos são relevantes e que o uso conjunto de indicadores objetivos e subjetivos fornece uma perspectiva mais completa⁴.

McCrea (2007) e Marans e Stimson (2011) ressaltam que a utilização combinada da abordagem objetiva com a subjetiva pode ser profícua, posto que são considerados tanto a melhoria ou declínio das dimensões da vida como a importância relativa dos diferentes atributos da vida urbana e os ambientes que contribuem para o nível de satisfação dos indivíduos.

Essa perspectiva é bastante aceita, porém, conforme destaca Noll (2002), autores como Erikson (1993) e Cobb (2000) criticam a utilização e a validade dos indicadores subjetivos, já que estes podem ser determinados tanto pelo grau de aspiração como

3 Os primeiros têm sido o enfoque dos estudos de economistas, sociólogos e antropólogos a partir de 1970. Os segundos integram os estudos de psicólogos e filósofos que, nos últimos anos, vem ganhando atenção dos economistas.

4 Si embargo, no hay acuerdo sobre cuáles deben ser esas dimensiones, ni cómo deben seleccionarse o ponderarse para tener una medida sintética de la calidad de vida. Aunque la inclusión de indicadores subjetivos para medir algunas de esas dimensiones o la calidad de vida en su conjunto era objeto de gran debate hasta hace algunos años, actualmente se acepta también que los indicadores subjetivos son relevantes y que el uso conjunto de indicadores objetivos y subjetivos provee una perspectiva más completa. (LORA, 2008, p.9).

pelo grau de adaptação das pessoas às condições em que vivem, o que pressupõe a necessidade de um alto grau de consciência para proceder a avaliações objetivas. Noll (2002) , cita e concorda com a premissa de Zapf (1984), no sentido de desvincular o grau de satisfação das condições individuais, ou seja, pessoas em más condições podem estar satisfeitas e pessoas em boas condições podem estar insatisfeitas. Tal pressuposto teve como base um estudo desenvolvido na década de 1970 por Erik de Allardt (1973, 1995), que distinguiu três classes de necessidades básicas dos seres humanos: ter, amar e ser⁵.

Para cada categoria, as dimensões de satisfação objetiva e subjetiva das necessidades são consideradas. Na pesquisa de bem-estar alemão, a abordagem predominante de bem-estar individual ou qualidade de vida é definida como “boas condições de vida juntamente com o bem-estar subjetivo positivo” (Zapf, 1984). Neste quadro de referência, as covariações entre indicadores objetivos e subjetivos são de particular interesse, uma vez que o bem-estar subjetivo é suposto ser apenas parcialmente determinado por condições externas⁶ (NOLL, 2002, p.11, tradução nossa).

Numa perspectiva semelhante, Campbell et al. (1976) consideram que os indicadores socioeconômicos objetivos permitem compreender as diferenças em relação aos elementos essenciais para o bem-estar, mas não o grau de satisfação das pessoas. Já Rojas (2008) destaca que apesar da tradição da avaliação da qualidade de vida ser realizada por uma terceira pessoa, as avaliações realizadas pelo próprio indivíduo são relevantes. Essas avaliações têm valor final e instrumental. O primeiro valor decorre do objetivo, do que as pessoas aspiram da qualidade de vida. O segundo é utilizado para orientar as decisões mais importantes na vida, como

⁵ Perspectiva adotada também por Herculano (2006).

⁶ For each category, objective as well as subjective dimensions of need satisfaction are considered. Within the predominant approach of German welfare research, individual welfare or quality of life is defined as “good living conditions which go together with positive subjective well-being” (Zapf, 1984). Within this frame of reference, the co-variations between objective and subjective indicators are of particular interest, since subjective well-being is supposed to be only partially determined by external conditions. (NOLL, 2002, p.11)

fumar, aceitar um trabalho, mudar, casar e ter filhos, se divorciar, comprar uma casa etc., sendo que ambas as formas de avaliações são importantes para a formulação das políticas públicas. Veenhoven (2000) também defende a importância da utilização dos indicadores subjetivos tanto para avaliar o sucesso da política quanto para selecionar metas das políticas.⁷

Outro aspecto a ser ponderado é que as variáveis podem ter pesos diferentes nas dimensões objetiva e subjetiva, incluindo renda, família e saúde, que aparecem mais importantes para a qualidade de vida pessoal, fator que reforça que a avaliação multidimensional da qualidade de vida é essencial (EUROFOUND, 2004).

Há um consenso de que a combinação das abordagens da qualidade de vida possibilitaria amenizar possíveis falhas de ambas e chegar a resultados mais confiáveis. Afinal, conforme destacam Diener e Suh (1997), na perspectiva dos indicadores sociais, há pontos fortes (objetividade, ideal de sociedade, aspectos para além do econômico etc.) e fracos (falíveis, subjetividade na seleção das variáveis, pesos, relatividade etc.). Especificamente para a qualidade de vida, há pontos positivos, como no caso da abordagem objetiva, cuja escolha das variáveis a serem consideradas é subjetiva, já que decorre de valores culturais e também de interpretações individuais dos pesquisadores. De acordo com Van Praag e Ferrer-i-Carbonell (2010), a utilização de indicadores, como nas publicações da *Mercer* e da *Foreign Policy Magazine*, decorre de julgamentos de especialistas, de modo que podem não refletir as necessidades e interesses dos habitantes⁸.

Na abordagem subjetiva, Marans e Stimson (2011) alertam que o fato das pessoas terem diferentes percepções e, portanto, fazerem julgamentos subjetivos sobre os elementos que incidem sobre a sua qualidade de vida, incluindo atributos específicos do ambiente urbano em que vivem, implicaria na necessidade de quadros-modelo a serem contextualizados em uma situação par-

7 [...] subjective indicators are indispensable in social policy, both for assessing' policy success and for selecting policy goals. (VEENHOVEN, 2000, p. 6) .

8 Este problema não ocorre nas publicações da Eurostat, que considera as pesquisas subjetivas. Contudo, conforme ressaltam Praag e Carbonell (2010), neste caso não tem índices que sintetizam informações, de modo que não se pode estabelecer comparações ao longo dos anos.

ticular. Com base em estudos prévios⁹, Partidário (2000) destaca a valorização e a vantagem da utilização dos indicadores subjetivos na averiguação da qualidade de vida, na medida em que estes partem dos sentimentos da população e, portanto, evita a imposição de valores pelos planejadores. Mas, por outro lado, Partidário (2000) ressalta que os indicadores objetivos são mais facilmente mensuráveis e interpretáveis. Lee (2008 apud Rezvani; Mansourian; Sattari, 2012) partilha de uma perspectiva semelhante. Para o autor, apesar dos indicadores objetivos serem considerados como tendo maior segurança de medição, eles apresentam menor eficiência, ao passo que os indicadores subjetivos têm menor segurança de medição, mas maior eficiência.

Frente a este debate, Rodrigues (2007, p. 35) toma como base Tobelem-Zanin (1995) para enfatizar a importância desta divergência entre os indicadores objetivos e subjetivos, no sentido de reforçar a utilidade de ambas abordagens, pois a partir do embate torna-se

[...] possível compreender de que forma as mudanças demonstráveis nas condições de vida, afetam realmente o sentido da qualidade de vida para as pessoas e, de forma inversa, descortinar se essas mudanças na apreciação podem ser atribuídas a alterações das condições de vida.

Mas na verdade o que há é uma falsa disputa, posto que os dois tipos de indicadores são construídos por pessoas e acabam assim por representar uma dimensão subjetiva (Tobelem-Zanin, 1995 apud Rodrigues, 2007).

Por outro lado, conforme exposto por Fahey et al. (2003), para os estudos da qualidade de vida, é importante considerar além dos resultados (que refletem, em parte, as escolhas que as pessoas fazem) e das avaliações subjetivas (que refletem em parte a adaptação), os recursos (os fatores que a condicionam, facilitam e constroem tais escolhas), bem como outras possíveis restrições

⁹ Partidário cita os estudos de Knox (1979), Petak (1981), Bentham (1983), Cutter (1985), Pacione (1982,1986), Rogerson et al. (1989) e Vinig e Schoeder (1989).

relacionadas ao lugar, posto que a vida está interligada com os outros em casa e na comunidade. Em termos de recursos, devem ser considerados os individuais de uso doméstico e também os de serviços sociais. Além disso, é enfatizada a importância de aspectos como níveis de confiança e de cooperação entre as pessoas e a perspectiva coletiva para a qualidade de vida.

Acrescenta-se ainda como medida para aperfeiçoar os estudos sobre a qualidade de vida, a busca por organismos internacionais como as Nações Unidas, o Banco Mundial, a OMS e o Escritório Internacional do Trabalho. Além de especialistas em desenvolver indicadores a partir de uma série de “domínios de valor” que têm aplicabilidade universal em uma ampla gama de culturas e sociedades. A partir disso, seria possível estabelecer comparações nacionais ou até mesmo entre as cidades em todo o mundo (LORA, 2008). Por exemplo, Diener (1995) propôs sete categorias de valores universais com base em estudos anteriores conduzidos por Mukherjee (1989) e Schwartz (1994 apud Guhathakurta; Ying Cao, 2011).

Há indícios, decorrentes de várias teorias, de que as melhorias nas condições objetivas estejam associadas a melhorias na experiência subjetiva. Esta questão norteou a tese de McCrea (2007)¹⁰, que defende que a qualidade de vida é um componente importante de satisfação geral, sendo que a qualidade de vida subjetiva decorre das características objetivas do ambiente urbano. O autor destaca ainda que a intensidade desta relação tem implicações para o processo de planejamento, em suas palavras:

[...] se relações diretas moderadas a fortes forem encontradas, isso implica em um modelo ambientalmente determinístico, com mudanças amplas nas dimensões objetivas do ambiente urbano, impactando diretamente na QV urbana subjetiva. Se relacionamentos fracos forem encontrados, as implicações podem depender da explicação encontrada para a fraqueza.

¹⁰ Entre outros estudiosos citados pelo autor estão Campbell et al. (1976); Marans e Rodgers (1975); McCrea; Shyy; Stimson (2006); McCrea; Stimson; Western (2005); Sirgy; Cornwell (2001); Sirgy; Cornwell (2002).

Por exemplo, se a fraqueza for melhor explicada pela adaptação psicológica, na qual os moradores simplesmente se ajustam psicologicamente às mudanças no ambiente urbano objetivo, isso implica que mudanças amplas nas dimensões objetivas do ambiente urbano têm relativamente pouco impacto na QV urbana subjetiva após um período de tempo. Por outro lado, se a fraqueza for melhor explicada pelo ajuste via realocação residencial, na qual os moradores insatisfeitos tendem a se mudar para outros locais enquanto os residentes satisfeitos tendem a ficar, isso implica um impacto significativo na QV urbana subjetiva. ¹¹(p.1-2, Tradução Nossa).

Conforme destaca McCrea (2007), com base em Marans (2003), são poucos os trabalhos que analisam a força da ligação entre as dimensões objetivas e subjetivas. Para o autor, especialmente para aqueles que enfocam os aspectos psicológicos, as ligações entre as dimensões objetivas e subjetivas do ambiente urbano podem ser fracas. Como exemplos disso, McCrea (2007) cita o caso dos moradores que se dizem satisfeitos com seus ambientes urbanos, mesmo estes sendo classificados com baixa qualidade de vida objetiva (apresentado por Cummins, 2000), e também grupos desfavorecidos (apresentado por Cook, 1988). Existe também a visão mais “ingênua e simples” de que a ligação entre as dimensões objetiva e subjetiva é “[...] razoavelmente direta e pelo menos moderadamente forte” (p. 9).

Neste sentido, segundo McCrea (2007) e McCrea, Stimson e Marans (2011), é comum a perspectiva de que as ações de regulação de uso da terra, o planejamento de parques e abertura de espaços, os sistemas de transporte e a infraestrutura urbana afetem as avaliações subjetivas do ambiente e da qualidade de vida dos residentes, de modo que documentos de planejamento

¹¹ If moderate to strong direct relationships were found, this implies an environmentally deterministic model with changes in broad objective dimensions of the urban environment directly impacting on subjective urban QOL. If weak relationships were found, the implications may depend on the explanation found for weakness. For example, if the weakness was best explained by psychological adaptation where residents simply adjust psychologically to changes in the objective urban environment, this implies that changes in broad objective dimensions of the urban environment have relatively little impact on subjective urban QOL after a period of time. On the other hand, if the weakness was best explained by adjustment via residential relocation whereby dissatisfied residents tended to move to other locations while satisfied residents tended to stay, this implies a significant impact on subjective urban QOL (p.1-2)

estratégico passaram a expor explicitamente que seus objetivos são melhorar e/ou manter a qualidade de vida e alcançar a sustentabilidade. No mesmo sentido, McCrea (2007) e Marans e Stimson (2011) afirmam que muitas vezes é assumido que mudanças nos ambientes urbanos físicos e sociais (locais) são projetadas para aumentar o nível de satisfação com a vida, das avaliações subjetivas e qualidade de vida dos moradores.

Apesar da importância de se examinar as relações entre as características do ambiente urbano e a qualidade de vida percebida dos moradores, ainda são relativamente poucos os trabalhos que testam empiricamente tais relações¹², o que pode estar relacionado com a ausência de uma metodologia para vinculá-los operacionalmente.

Considerações finais

Apesar da dificuldade de definir e medir a qualidade de vida, acredita-se que se pode chegar a aproximações de tal condição, tendo em vista a realidade presente e o que se quer para o futuro, nomeadamente em longo prazo, considerando as particularidades e as melhorias mais relevantes para determinado lugar, independentemente da escolha dos aspectos objetivos, subjetivos ou a associação de ambos para a definição e/ou mensuração da qualidade de vida.

Ademais, considera-se que a proximidade com outros temas (saúde, sustentabilidade etc.), apesar de não reduzir a complexidade inerente a avaliação da qualidade de vida, torna possível sua apreciação, que deve ter como foco as pessoas, que devem ser consideradas como o principal ativo de uma cidade.

Portanto, conhecer a avaliação e/os aspectos mais importantes para as pessoas é mais relevante e eficaz do que simplesmente

¹² Entre eles Campbell et al. (1976), Marans e Rodgers (1975), Marans (2002), McCrea et al. (2006) e McCrea (2007) (citados por McCrea; Marans; Stimson e Western (2011, p.86).

classificar os lugares a partir de ranqueamentos, por exemplo, a partir de dados secundários, que podem levar a interpretações falhas. Acrescenta-se ainda que, para compreender a qualidade de vida deve-se considerar além do contexto social, político e cultural de determinada sociedade, a escala temporal, pois a importância/valores atribuídos às coisas mudam – cada vez mais rapidamente – ao longo dos anos.

Portanto, reafirma-se que apesar de não haver consenso sobre o conceito e a forma de mensuração da qualidade de vida, o mais importante é não se perder daquilo que realmente é importante e deve ser buscado, este é o fio que deve estar nas mãos do Estado e, sobretudo da sociedade, com vistas à materialização de uma relação harmônica entre os homens e destes com a natureza, para o alcance do objetivo da qualidade de vida.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. A. B. DE; GUTIERREZ, G. L.; MARQUES, R. **Qualidade de vida** : DEfInIção , concEIToS E INTERfAcES coM oUTRAS áREAS, DE PESQUISA São PAULO: ESCOLA DE ARTES, CIÊNCIAS E HUMANIDADES – EACH/USp, 2012.142 p. DISponíVEL EM: [HTTP://EACH.USP.NET.USP.BR/EDICOES-EACH/QUALIDADE_VIDA.PDF](http://EACH.USP.NET.USP.BR/EDICOES-EACH/QUALIDADE_VIDA.PDF) . AcESSO EM: 28 jAn . 2015.
- AUDIT coMMISSIon. **Quality of life** : USInG QUALITY of LIFE InDICAToRS . AUDIT CoMMISSIon foR LocAL AUTHoRITIES AnD THE N ATIONAL HEALTH SERvIce In ENGLAnD AnD WALES(AUTHoR): LonDon : 2002.
- BERGER-SCHMITT, R.; noLL, H.-H.. **concepTUAL f RAMEWoRK AnD STRUCtURE of A EURopEAn SySTEM of Social InDICAToRS . ue Reporting Working paper**, n . 9, MAnHEIM : CEntRE foR SURvEy RESEARChAnD METHoDoLoGy (ZUMA). 2000.
- cAMPBELL, ETAL. **the Quality of American Life: pERcepTIonS, EVALUATIOnS AnD SATISfAcTIonS** . n EW YoRk : RUSSELLSAGE founDATIOn , 1976.

cUnHA M. I. DA. A QUALIDADE E ENSINO DE GRADUAÇÃO E O COMPLEXO EXERCÍ-
clo DE PROPOSIÇÕES INDIADORES: É POSSÍVEL OBTER AVANÇOS? **avaliação**, CAMPINAS,
v. 19, n. 2, p. 453-462, JUL. 2014.

DIENER, E.; SUH, E. MEASURING QUALITY OF LIFE: ECONOMIC, SOCIAL, AND
SUBJECTIVE INDICATORS. **Social Indicators Research**, v. 40, n. 1, p. 189-216,
1997.

EUROFOUND. **Quality of Life in Europe**. 2004. DISPONÍVEL EM: [HTTP://WWW.EUROFOUND.EU/](http://WWW.EUROFOUND.EU/). ACESSO EM: 22 DEZ 2013.

FAHEY, T. ET AL. **Monitoring Quality of Life in Europe**. EUROPEAN
FOUNDATION FOR THE IMPROVEMENT OF LIVING AND WORKING CONDITIONS.
LUXEMBOURG: OFFICE FOR OFFICIAL PUBLICATIONS OF THE EUROPEAN COMMUNITIES,
2003.

GUHATHAKURTA, S.; CAO, Y. VARIATIONS IN OBJECTIVE QUALITY OF URBAN
LIFE ACROSS A CITY REGION: THE CASE OF PHOENIX. In: MARANS, R. W.;
STIMSON, R. J. (ORG.). **Investigating Quality of Urban Life: Theory,**
METHODS, AND EMPIRICAL RESEARCH SOCIAL INDICATORS RESEARCH SERIES VOLUME
45. SPRINGER DORDRECHT HEIDELBERG LONDON NEW YORK, 2011. p. 135-162.

HANCOCK, T. **Quality of Life Indicators and the dhc**. 2000. DISPONÍVEL
EM: [WWW.SEO-DHC.ORG/REPORTS/29 QOLI INDICATORS .pdf](http://WWW.SEO-DHC.ORG/REPORTS/29%20QOLI%20INDICATORS.pdf). ACESSO EM: 24 FEV.
2014

HERCULANO, S. C. A QUALIDADE DE VIDA E SEUS INDICADORES. In:
HERCULANO, S. ET AL. (ORG.) **Qualidade de vida e Riscos ambientais**.
NITERÓI: EDUFF. 2000.

LIU, B. C. VARIATIONS IN SOCIAL QUALITY OF LIFE INDICATORS IN MEDIUM METROPOL-
ITAN AREAS **American Journal of Economics and Sociology**, v. 37, n. 3, p.
241-260, 1978.

LORA, E. **Calidad de vida más allá de los hechos**. In: LORA, E. (ORG.).
BANCO INTERAMERICANO DE DESARROLLO: FONDO DE CULTURA ECONÓMICA, 2008.

MACHADO, p. H. B. C. URITIBA, A QUALIDADE E A VIDA. **Revista Internacional Interdisciplinar Tesis**, 2004. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/article/viewfile/608/10754>. Acesso em: 15 ABR. 2014.

MANÇO, j. R. p.; SIMÕES, n. M. **Os municípios e a Qualidade de vida em Portugal** : proposta metodológica com vista à sua mensuração e ordenação . **Relatório sobre Qualidade de Vida nos Municípios Portugueses Observatório para o Desenvolvimento Económico e Social da Universidade da Beira Interior**. 2007. Disponível em: http://www.dge.ubi.pt/pmanco/QUALID_VIDA_pmanco_nuno.pdf . Acesso em: 15 AGO. 2014.

MARANS, R. W.; STIMSON, R. j. MARANS, R. W.; STIMSON, R. j. (Ed). **Investigating Quality of Urban Life: Theory, Methods, and Empirical Research** London , New York : Springer, 2011. (Social Indicators Research Series v. 45).

MCCREA, R. **Urban Quality of Life: Linking Objective Dimensions and Subjective Evaluations of the Urban Environment** . Unpublished PhD Thesis The University of Queensland, Brisbane. 2007.

MCCREA, R. ET AL. **Subjective Measurement of Quality of Life Using Primary Data Collection and the Analysis of Survey Data**. In: MARANS, R. W.; STIMSON, R. j. (Ed). **Investigating Quality of Urban Life: Theory, Methods, and Empirical Research** London , New York : Springer, 2011. p. 55-76. (Social Indicators Research Series v. 45).

MONKEN, M. ET AL. **O Território na Saúde: Construindo Referências para Análises em Saúde e Ambiente**. In: CARVALHO, A. ET AL. (Org.). **Território, ambiente e saúde** . Rio de Janeiro : Editora Focruz, 2008.

NAHAS, M. I. p. **Bases teóricas, metodologia de elaboração e aplicabilidade de indicadores intraurbanos na gestão municipal da qualidade de vida urbana em grandes cidades** : o caso de Belo Horizonte . 2002. 373 f. Tese (Doutorado em Ecologia) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2002.

nOLL, H.-H. **Social Indicators and Quality of Life Research:**

BACKGROUNd , ACHIEVEMENTS ANd CURRENT TRENDS. WIESBADEN: V S VERLAG FÜR SoZIALWISSENSCHAFTEN 2002.

pARTIDÁRIO, M. Do **R Indicadores de Qualidade de ambiente urbano .**

LISBoA: DIREção GERAL DE ORDENAMENTO DO TERRITÓRIO E DESENVOLVIMENTO URBANO , 2000. 155 p. (Coleção ESTUDoS 4). REZvAnI, M. R.;

MAnSoURIAn, H.; SATTARI, M. H. EVALUATING QUALITY OF LIFE IN URBAN AREA CASE STUDY: NooRABAD CITY, IRAN. *Social Indicators Research* , p.1-18, 2012.

RoDRIGUES, D. **Sistema de Informação para avaliação e monitorização da Qualidade de vida em campi universitários .**

2007. 193 f. TESE (DoUTORAMENTO EM ENGENHARIA CIVIL) - UNIVERSIDADE DO MINHO , ESCOLA DE ENGENHARIA, 2007.

SAnToS, M. **da totalidade ao lugar .** São PAULO: EDITORA DA USP, 2008.

SAnToS, L. D.; MARTInS, I. **a Qualidade de vida urbana : o caso da**

cIDADE DO PORTO , WORKING PAPERSDA FEp, PORTO , 2002. DISPONÍVEL EM: [InvESTIGAcAo/WoRkInGpApERS/Wp116.pdf HTTP:// WWW.FEP .UP.PT/](http://WWW.FEP.UP.PT/). ACESSO EM: 14 JAN . 2014.

ToBELEM-ZAnIn, c. **La Qualité de la vie dans les villes françaises .**

PUBLICATIONS DE L' UNIVERSITÉ DE ROUEN , 1995. 288 p.

vAn pRAAG, B. M.S.; FERRER-I-CARBONELL, A. **Toward An Urban**

QUALITY OF LIFE INDEX: BASIC THEORY AND ECONOMETRIC METHODS In: EDUARDO

LoRA ET AL (Ed.). **the Quality of Life in Latin American cities: Markets**

AND PERCEPTION . NEW YORK: INTER-AMERICAN DEVELOPMENT BANK AND THE WORLD BANK , 2010. p. 65-90. DISPONÍVEL EM: [HTTps:// opEnknoWLEDGE .WoRLDBAnk .oRG/BITSTREAM/HAnDLE/10986/2452/544310pUB0Ep101o -x0349415B01pUBLIC10.pdf?SEQUENCE=1](https://opEnknoWLEDGE .WoRLDBAnk .oRG/BITSTREAM/HAnDLE/10986/2452/544310pUB0Ep101o -x0349415B01pUBLIC10.pdf?SEQUENCE=1).

ACESSO EM: 14 FEV . 2014.

vEEEnHovEn, R. **THE FOUR QUALITIES OF LIFE: ORDERING CONCEPTS AND MEASURES OF THE GOOD QUALITY.**

Journal of happiness Studies , v. 1, n. 7, p.1-39, 2000.

ZApf, W oLfgAnG ,InDIVIDUELLE W oHlFAHRT : LEBEnSBEDInGUnGEn UnD WAHRGE
noMMEnE LEBEnSQUALITÄT.' W. GLATZERAnD W. ZApf. EDs. **l ebenSQualität in
deR bUndeSRepublik** . f RAnkfURT A.M./n EW yORk : CAMpUS, 1984.

WHO. W oRLD HEALTh O RGAAnIZATIOn . WHOQoL G RoUp . DEvELopMEnT of
THE WHOQoL: R ATIonALE AnD cURREnT STATUS **int . J. ment . h ealth** , v. 23,
n . 3, p. 24-56, 1994.

Autoria

Este artigo é parte da tese de doutorado desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Uberlândia. A pesquisa foi desenvolvida no período de março de 2012 a março de 2016, com apoio financeiro da Capes, cuja bolsa de pesquisa teve vigência durante o referido período.

Lidiane Aparecida Alves – Possui Graduação (Licenciatura e Bacharelado), Especialização, Mestrado e Doutorado em Geografia pelo Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia. É professora do ensino fundamental e superior.

Recebido para publicação em 12 de janeiro de 2020

Aceito para publicação em 23 de fevereiro de 2020

Publicado em 06 de março de 2020